

## *A Igreja como comunidade de espera.*

A palavra «comunidade» refere-se geralmente a uma forma de estar juntos que nos dá a sensação de pertença. A palavra «comunidade» aponta para uma forma de proximidade, na qual as pessoas podem sentir que pertencem a um grupo mais vasto.

O elemento específico da comunidade cristã é sua origem sobrenatural. A Igreja é uma comunidade de fé, uma comunidade de espera do que há de vir. Ele oferece uma sensação de pertença, mas também uma sensação de indiferença. Na comunidade cristã dizemos uns aos outros: «Estamos juntos porque o Senhor nos chamou, mas não podemos satisfazer-nos uns aos outros. Podemos ajudar-nos, mas também sabemos que o nosso destino é o Céu, algo que está para além da nossa proximidade. A comunidade cristã apoia e sustenta a nossa expectativa comum, mas isto exige um discernimento constante. Nela encontramos um abrigo confortável e um lugar acolhedor, um encorajamento constante em esperar o que está para vir.

A base que une a comunidade cristã, não são os laços familiares, o nível económico ou social, uma opressão ou queixa comum, uma atração mútua... mas o chamamento divino. A comunidade cristã é unida por Deus, não é resultado de esforços humanos. Deus fez-nos o seu povo chamando-nos do «Egito» para a «Nova Terra», do deserto para a terra fértil, da escravidão para a liberdade, do nosso pecado para a salvação, do cativeiro para a liberdade. Todas estas palavras e imagens exprimem o facto de que a iniciativa pertence a Deus. Ele é a fonte da nossa nova vida comum. A finalidade é a Nova Jerusalém, Ceus e Terras novas, dos quais somos peregrinos e nos reconhecemos, uns aos outros, como irmãos e irmãs. Como povo de Deus, somos ekklesia (do grego kalea = chamada; e ek = para fora), comunidade convocada que transita do velho mundo para o novo.

Como seres humanos queremos quebrar as cadeias de alienação, o que é hoje muito forte, contudo, é de fundamental importância lembrar que, como membros da comunidade cristã, não estamos destinados uns para os outros, mas todos para Deus. Os nossos olhos olhares não se deveriam fixar uns nos outros, de forma horizontal, mas para a frente, para Deus que se delineia como fim último da nossa existência. Estamos juntos porque seguimos a mesma vocação, apoiando-nos uns aos outros caminhamos na mesma direção. A comunidade cristã não se delineia como um círculo fechado de pessoas que se abraçam, mas um

grupo de companheiros que caminham juntos, para frente, unidos pela mesma voz d'Aquele que requer sempre a nossa atenção.

Vivemos nas nossas imensas e anónimas cidades. É compreensível que procuremos pessoas que estejam na «mesma onda» para formar pequenas comunidades. Assim na Igreja existem muito grupos, de oração, de estudos bíblicos, de casais, de jovens que nos ajudam a aprofundar a consciência de pertença ao povo de Deus.

A existência de muitos grupos não diminui o nosso sentido comunitário. Todos acreditamos em Jesus Cristo, mas não somos obrigado a pensar da mesma forma, como um professor, um carpinteiro, o diretor de um banco, um congressista ou qualquer outro tipo de grupo socioeconômico ou político. Existe uma grande sabedoria escondida na torre sineira que convocava o povo de Deus a sair de casa e juntar-se no mesmo lugar para formar um só corpo em Jesus Cristo. Uma realidade que transcende as diferenças individuais. Somos testemunhas do mesmo Deus, o qual faz brilhar a Sua luz sobre o pobre e o rico, o saudável e o doente, mas, também nesta caminhada para Deus, nos apercebemos das necessidades dos outros e começamos a curar as feridas uns dos outros.

Durante estes últimos anos fiz parte de um pequeno grupo de estudantes que celebravam regularmente a Eucaristia juntos. Sentíamos-nos muito bem na companhia uns dos outros e tínhamos descoberto «o nosso próprio caminho». As canções que entoávamos, as palavras que utilizávamos, as saudações que trocávamos pareciam todas bastante naturais e espontâneas. Mas, quando chegaram alguns estudantes novos, descobrimos que estávamos à espera que seguissem o nosso caminho e fizessem «como nós costumamos fazer». Tivemos de nos confrontar com o facto de nos termos tornado num clã, substituindo o espírito de Jesus Cristo pelo nosso. Então, tomamos consciência de quanto é difícil abandonar os nossos hábitos familiares para criar espaço para os outros e tornar possível uma nova forma de oração em comum.

A Igreja é chamada, e não sem razão, uma «Igreja peregrina», sempre em andamento. A tentação de se instalar num oásis confortável tem, todavia, sido demasiado forte para que se lhe possa resistir e o chamamento divino é esquecido com frequência e a unidade quebrada. Nessas alturas, não só os indivíduos, mas grupos inteiros são apanhados na ilusão da segurança e a oração murcha como uma flor sem vida.

Isto explica por que é que as ideias, os conceitos e técnicas desenvolvidas e usadas nos grupos contemporâneos, não podem ser transpostas para a comunidade cristã sem serem bem avaliadas. Quando descrevemos a comunidade cristã ideal como uma «família feliz» ou como «um grupo de pessoas muito sensíveis» ou um «grupo de ação ou pressão», falamos apenas de um traço secundário e muitas vezes temporário. Embora possa ser útil incorporar na vida da comunidade cristã padrões de comportamento e técnicas que retirámos de outros grupos de vida diferente, teremos que relativizar estas tentativas, tornando-as subservientes ao nosso entendimento da comunidade cristã como um povo moldado por Deus. Muitos processos interpessoais, padrões de liderança e estratégias que foram identificadas por estudos psicológicos e sociológicos, podem de facto oferecer novos discernimentos à compreensão da vida da comunidade cristã. Mas a natureza singular da comunidade cristã requer uma consciencialização permanente da aplicabilidade limitada de tais descobertas. Enquanto vivemos entre a primeira e a segunda vindas do Senhor, a comunidade cristã descobre o seu sentido numa espera paciente e expectante do tempo em que Deus será tudo em todos. A comunidade de fé aponta sempre para além de si mesma e fala a sua linguagem própria, que é a linguagem da oração.